

Educação veta entrada no Primeiro Mundo

Nível de escolaridade no Brasil, afetado por entrada precoce de jovens no mercado de trabalho, está abaixo de média internacional. Candidatos a vestibulares, aqui, são menores que no México

A inserção do Brasil no bloco dos países desenvolvidos depende, entre outras condições básicas, da qualidade educacional da população. Por este índice isoladamente, no entanto, essa mudança permanece distante. No Brasil, o percentual de alunos entre 15 e 19 anos matriculados no segundo grau não vai além dos 16%. No México, país com as características mais próximas, na América Latina, este índice sobe a nada menos que 55%.

Em países industrializados, como o Japão, a diferença é ainda

JAPÃO TEM QUASE TOTALIDADE DA JUVENTUDE MATRICULADA NO SEGUNDO GRAU

de uma visão mais ampla. Ele considera que a idéia de ensino profissionalizante é uma interpretação recente da educação, um dos resultados da Revolução Industrial que, há aproximadamente 200 anos, reformulou a produção e econômica pela introdução crescente das máquinas. Na Grécia Antiga, por exemplo, critica Machado não havia sentido pensar a educação com uma formatação limitada à produção.

Na interpretação de Jocimar Archangelo, no Brasil o segundo grau sempre oscilou entre a formações ampla e a profissionalizante.

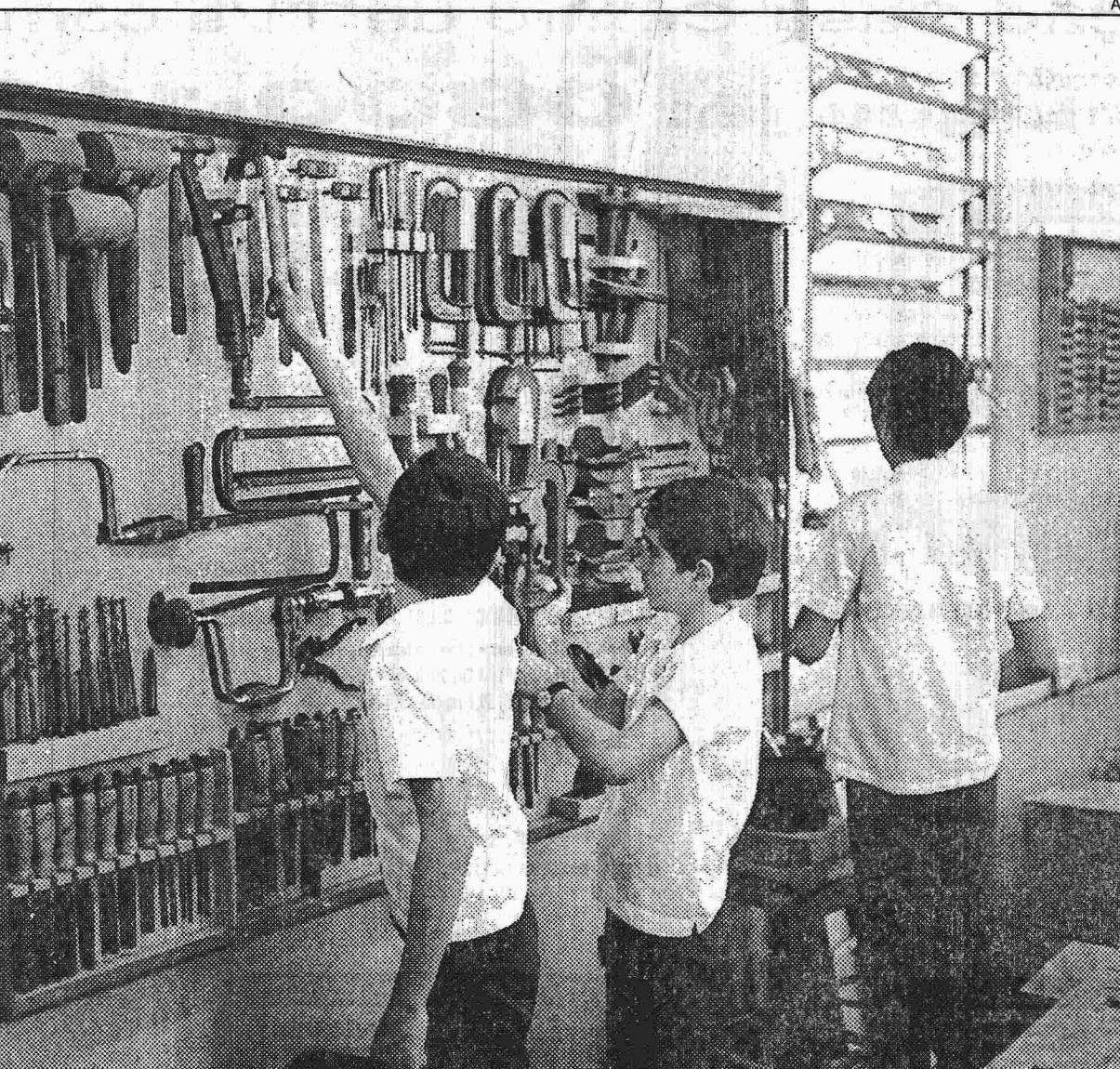
A cultura bacharellesca que predomina no País, avalia Archangelo, em parte é responsável pela não consolidação do ensino profissionalizante. A explicação para isto é que, mesmo com boas escolas nessa área, os alunos aí formados acabam sempre buscando a universidade como forma

de reconhecimento social.

Pringesi considera que o Japão fornece um exemplo que o Brasil poderia seguir. O país, argumenta ele, tem procurado a formação especializada "dentro do ambiente da produção". Na educação formal, acrescenta, "a preocupação é com uma formação ampla".

Machado vem vantagens nessa posição levando-se em conta especialmente que até o final do século perto de 30% das profissões convencionais deixarão de existir. Num momento de grandes transformações atuais como o atual, avalia, é preciso pensar numa formação polivalente.

Jocimar Archangelo diz que as opções profissionais no Brasil historicamente vem acontecendo



Entrada precoce no mercado de trabalho afeta escolaridade de jovens, que não chegam ao ensino superior

de maneira precoce. Num momento de transformações a que se refere Machado, ele pensa que esse comportamento precisa ser reformulado. No caso do ensino superior, por exemplo, conta que a Unicamp iniciou uma experiência de fusão das áreas de matemática e física durante um período básico abrindo possibilidades de escolhas mais amadurecidas por parte dos estudantes.

Essa experiência, no entanto, restringe-se a essas áreas e não teria como ser estendida a outras de grande demanda como o segmento de biológicas, por exemplo.

Ação econômica afetou a cultura

Os problemas com educação no Brasil envolvem não apenas quantidade, mas especialmente qualidade. Essas dificuldades, no entanto, segundo Luiz Pringesi, já foram sentidas nos Estados Unidos, nos anos 1930, na área de medicina. O País criou então uma comissão especial para enfrentar a crescente queda de qualidade nessa área.

Aqui, do total esperado de jovens entre 12 e 17 anos que deveriam estar se preparando para a universidade, apenas 39% estão matriculados em escolas de segundo grau. Esse número está bastante distante da média mundial que fica em 54%. O baixo número de matrículas tem sido associado ao ingresso precoce de jovens no mercado de trabalho. Precária distribuição da renda sob a forma de baixos salários, entre outras condições, fazem com que 60% dos jovens entre 10 e 19 anos de idade já estejam inseridos na atividade econômica.

Essa situação cria uma perspectiva desconfortável para o futuro imediato. As estatísticas sobre educação apontam que dos 27,5 milhões de crianças cursando o primeiro grau, apenas 3,5 milhões chegam ao segundo grau. O ensino superior tem crescido nas últimas duas décadas, mas aí também a situação não é confortável. As escolas particulares, por exemplo, que abrigam 950 mil estudantes apenas a metade conclui o curso. As escolas públicas têm outros 600 mil estudantes.

Os dados citados no programa apontam ainda que a queda mais significativa no padrão de educação no País aconteceu nos anos 1970, coincidindo com a época do milagre econômico. Sob o regime militar, enfatizaram-se os resultados imediatos que acabaram não ocorrendo, como a eliminação do analfabetismo. As limitações ao debate e à formação educacional também influiram significativamente na queda de qualidade.



Brasil Pensa

Os debates realizados no programa Brasil Pensa — uma parceria entre o jornal **Estado**, a TV Cultura, Unicamp, USP e Unesp — são coordenados pelo economista Luciano Coutinho. Com direção-geral de Roseli Galleti e Marcos Weinstock e coordenação de Carlos Vogt, o programa vai ao ar às quartas-feiras, às 23h30, pela TV Cultura, e é retransmitido aos sábados, às 10h30. Os telespectadores podem participar das discussões com cartas para esta coluna, publicada todos os domingos no **Estado**. O endereço para correspondência é Rua Cônego Eugênio Leite, 282, São Paulo, CEP 05414-010, fax (011) 881-8838. Empresários interessados em ter acesso a tecnologias devem contatar o Instituto Uniemp (011) 881-8878, 280-8388, 851 0752. Fitas sobre os programas podem ser obtidas com a TV Cultura (011) 874-3146.